

Crucificados por causa de árbitro daltónico

Augusto da Fonseca foi afastado da presidência do Benfica, antes disso, na sua passagem por Coimbra tornou-se lenda através da Tomada da Bastilha. Brutal, o seu ataque ao salazarismo

POUCAS vezes alguém ou- sou ataque tão feroz a Salazar como Augusto da Fonseca no comício de Norton de Matos – que abalou Beja. Quem o conhecia não se espantou – foi sempre assim: insubmisso, desassombrado, verbo brilhante, esfuziante. Filho de modesto comerciante de Colos, Odemira – tinha jeito para o futebol. Em 1914 tornou-se jogador do Benfica. Deixou de sê-lo para ir estudar medicina em Coimbra. Era lenda na Academia – quando se lançou na Tomada da Bastilha.

A AAC, de que se tornara presidente em Março de 1919, tinha sede numa saleta acanhada do rés-do-chão do Colégio de São Paulo. Era pouco para já larga actividade. Suplicou por mais espaço – em vão, meses a fio. Foi então que grupo de Conjurados, com Augusto da Fonseca à cabeça – combinou a ocupação do Clube dos Lentes, de que fazia parte professor de direito chamado António Oliveira Salazar. Na madrugada de 25 de Novembro de 1920 se fez – sem um arrombo, graças a ferreiro, que lá fora, sorrateiro, estudar a fechadura. De manhã, ele próprio enviou telegrama ao Presidente da República, dando-lhe notícia de que a AAC tinha, enfim, resolvido a questão da sede. Sem saber



Até à entrada na década de 50, o Benfica era o clube que tinha presidentes mais envolvidos na luta contra o salazarismo, pagando caro a ousadia

em que circunstâncias, António José de Almeida respondeu na hora – congratulando-se com o facto. Mostrando-lhe o... «Despacho Presidencial», o Senado achou que o PR fora conivente com a acção – e con-

formou-se, a Tomada da Bastilha passou a ser data marcante na vida da Academia, na sua história...

Augusto da Fonseca terminou o curso, foi para oficial da Marinha, médico da Armada. Em Julho de

1926, foi nomeado governador civil de Beja. No cargo se manteve até Fevereiro de 1931, largou-o quando se desencantou com a salazarização do regime. Nos meses anteriores, com o desemprego a infernizar Colos,

dera todos os meses da sua conta 1100\$00, para lhe atenuar os efeitos.

Presidente da Associação de Futebol de Lisboa em 1934 e a da Assembleia Geral do Benfica em 1937. Dois anos depois passou para a Direcção e foi o presidente da construção das Amoreiras. Que Duarte Pacheco para fazer auto-estrada para Cascais expropriou – e destruiu.

Em Outubro de 1944, Benfica-Belenenses para o Campeonato de Lisboa. Os benfiquistas a perderem por 0-1, houve golo invalidado a Rogério. Daria empate – e título. Por entre as escaramuças a caminho dos balneários, Gameiro Pereira, o árbitro, confidenciou que o lance lhe parecera legal, mas que tivera de atender ao sinal do seu fiscal de linha. Júlio Ribeiro da Costa, presidente da AG, ouviu-o, insultou-o. A FPF suspendeu-o por um ano, multou o SLB em 3000 escudos – e propôs à DGD pena ao árbitro apenas por ter tido o desprate de confessar no boletim do jogo que fora vítima de «certa confusão nas cores das camisolas».

O comandante Fonseca não baixou bandeira, antes pelo contrário: insinuou que o poder, «arbitrário», castigava por «motivos políticos». Vicente de Melo, seu tesoureiro, alertou-o para o perigo da linguagem, de brincar com fogo por cima de paiol. Não lhe ligou, o Dr. Vicente demitiu-se, à cautela. Adivinhou: pouco depois, toda a Direcção do Benfica estava suspensa, o presidente impedido de voltar a candidatar-se a qualquer outro cargo, por «determinação superior». Até ao final do mandato, em 1947 – ficou o SLB nas mãos de um... suplente: António Afonso da Costa e Sousa. Quando voltou a haver eleições – para presidente foi Tamagnini Barbosa. E Augusto da Fonseca, afastado compulsivamente do dirigismo no desporto, haveria de fazer em 1958 com Delgado o que fizera em 48 com Norton. Dizia-se que a «gente da situação» mal o via pronto a discursar se assustava...